



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

VIVIANE DOS SANTOS

**UM OLHAR SOBRE AS AÇÕES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE
ARARA-PB: FRENTE ÀS QUESTÕES INCLUSIVAS**

**CAMPINA GRANDE
2021**

VIVIANE DOS SANTOS

**UM OLHAR SOBRE AS AÇÕES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE
ARARA-PB: FRENTE ÀS QUESTÕES INCLUSIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação /Departamento do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Química.

Orientador: Prof. Me. Maria Elidiana Onofre Costa Lira

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237o Santos, Viviane dos.

Um olhar sobre as ações em uma Escola pública da cidade de Arara-PB [manuscrito]: frente às questões inclusivas / Viviane dos Santos. - 2021.

19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Química) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia , 2021.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Elidiana Onofre Costa Lira , Coordenação do Curso de Licenciatura em Química - CCT.

1. Ensino de Química. 2. Necessidades Educacionais Especiais. 3. Educação inclusiva. I. Título

21. ed. CDD 372.8

VIVIANE DOS SANTOS

UM OLHAR SOBRE AS AÇÕES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE
ARARA-PB: FRENTE ÀS QUESTÕES INCLUSIVAS

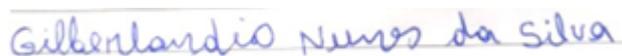
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação /Departamento do
Curso de Licenciatura em Química da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Química.

Aprovada em: 02/06/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Maria Elidiana Onofre Costa Lira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Gilberlândio Nunes da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco Ferreira Dantas Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sou grata a Deus, que em nenhum momento me deixou fraquejar ou desistir desse trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	OBJETIVOS	06
2.1	GERAL	06
2.2	ESPECÍFICOS.....	06
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	06
3.1	O sistema e o processo educacional na educação inclusiva.....	06
3.2	A educação inclusiva e o atendimento educacional especializado.....	08
4	METODOLOGIA.....	09
4.1	Caracterização da metodologia da pesquisa.....	09
4.2	Local da pesquisa.....	09
4.3	Participantes da pesquisa.....	10
4.4	Instrumentos de coleta de dados.....	10
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	10
5.1	Análise do questionário aplicado aos diretores da escola.....	11
5.2	Análise do questionário aplicado aos alunos da escola.....	12
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
	REFERÊNCIAS	15
	ANEXO A – Questionário de avaliação da proposta.....	17
	ANEXO B- Questionário aplicado.....	18

UM OLHAR SOBRE AS AÇÕES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE ARARA-PB: FRENTE ÀS QUESÕES INCLUSIVAS

A LOOK AT THE ACTIONS IN A PUBLIC SCHOOL IN THE CITY OF ARARA-PB: FRONT OF INCLUSIVE ISSUES

Viviane dos Santos*

RESUMO

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino está ancorada nas diretrizes das políticas públicas nos diversos níveis educacionais. Nesse contexto, o presente trabalho abordou um olhar sobre as ações dos alunos com deficiência em uma escola da rede pública na cidade de Arara-PB. Com finalidade de observar se a o comprimento das políticas educacionais inclusiva na escola em questão. A metodologia desenvolvida é de natureza qualitativa com categoria exploratória. Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados dois questionários com perguntas abertas e fechadas, que foram aplicados a dois alunos: um com deficiência visual e outro com deficiência física, e também, ao diretor da escola. Os resultados revelam que o sujeito da pesquisa afirma que a disciplina de química é muito difícil, e que a escola não dá nenhum suporte aos alunos com necessidade educacionais especiais. A escola trabalhada além de não cumprir, foi possível observar algumas determinações preconizadas nas diretrizes da educação inclusiva também não desenvolve atividade disciplinares no sentido de trabalha com abordagem de ensino que vincule com conteúdos das praticas experimentais.

Palavras-chave: Inclusão. Ensino de Química. Necessidades Educacionais Especiais.

ABSTRACT

The inclusion of students with special educational needs in the regular education system is anchored in public policy guidelines at different educational levels. In this context, this work addressed a look at the actions of students with disabilities in a public school in the city of Arara-PB. In order to observe whether the length of inclusive educational policies in the school in question. The methodology developed is of a qualitative nature with an exploratory category. Two questionnaires with open and closed questions were used as an instrument for data collection, which were applied to two students: one with visual impairment and the other with physical disability, and also to the school principal. The results reveal that the research subject states that the subject of chemistry is very difficult, and that the school does not provide any support for students with special educational needs. The school worked in addition to not complying, it was possible to observe some determinations recommended in the guidelines of inclusive education also does not develop disciplinary activities in the sense of working with a teaching approach that links with the contents of experimental practices.

Keywords: Inclusion. Chemistry Teaching. Special Educational Needs.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a literatura científica os alunos veem na disciplina de química um grande desafio, pois em função da abstração do conhecimento que ela traz, com o olhar voltado para a educação inclusiva esta observação torna-se mais notória, portanto, em nossa

* Graduada do Curso de licenciatura em Química na Universidade Estadual da Paraíba.

formação inicial quanto professor de química, devemos nos preocuparmos em conhecer e manipular as ferramentas de linguagem e os modelos didáticos que contemplem a compreensão do aluno com necessidade especial (CANAVARRO *et al.*,2015).

Dessa forma, Oliveira (2011), diz que, para inserir este aluno especial é preciso algo mais do que levá-lo a escola, necessita-se de, por exemplo, mudanças físicas nela, em sua organização pedagógica, na prática dos professores formados, na existência de intérpretes, quando necessário, entre outros fatores.

A educação inclusiva vem ganhando espaço nas discussões do cenário educacional, principalmente no âmbito da formação de professores de Química/Ciências, uma vez que a demanda de alunos com deficiências auditiva, visual, cognitiva e mental no ensino regular tem aumentado gradativamente, ocasionando receios e insegurança nos professores que atuam nestas instituições de ensino a respeito dessa realidade, exige dos docentes tanto capacitação especializada como formação continuada, além do trabalho em conjunto com outros profissionais da área como intérpretes e centros especializados na educação inclusiva, que auxiliem o professor na produção, desenvolvimento e aplicação de metodologias de ensino e materiais didáticos que possam dar suporte ao processo de ensino-aprendizagem dos educados com deficiências.

Sage (1999) analisa a relação existente entre gestor escolar e educação inclusiva, reconhecendo as alterações importantes nos sistemas de ensino e nas escolas que são necessárias para que isso ocorra. Para o autor, os gestores escolares são essenciais nesse processo, pois lideram e mantêm a estabilidade do sistema.

Tal pesquisa surgiu para observar se essa escola estava recebendo alunos com necessidade educacionais especiais, e se o diretor estava traçando alguma coisa para trabalhar com esse público. No interior da Paraíba, na cidade de Arara, são alunos de escola pública da rede estadual e não há nenhum recurso ou aulas especializadas.

Buscando contribuir de forma significativa para a superação das dificuldades desses alunos, foram traçados os objetivos desta pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar como vem sendo desenvolvido as atividades de uma escola pública frente às questões inclusiva.

2.2 ESPECÍFICOS

- Verificar como a escola acompanha os estudantes com NEE;
- Analisar como a gestão escolar gerencia as políticas de NEE na escola em questão;
- Observar como os alunos avaliam a metodologia de ensino para alunos NEE na escola.
- Sistematizar os resultados e discutir com ênfase no referencial teórico.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O sistema e o processo educacional na educação inclusiva

Neste início do século XXI, a educação brasileira está vivenciando os ditames de um processo transitório: não se aceita mais socialmente o sistema de educação segregado mais ainda não se conseguiu emplacar um sistema de ensino unificado que dê conta de atender as demandas da diversidade humana (ULIANA, 2015).

A primeira lei brasileira a estabelecer diretrizes e bases da educação nacional foi a Lei nº 4.024, aprovada em 1961. Os artigos 88 e 89 dessa lei foram os primeiros a fazerem referência à educação de pessoas com deficiência no Brasil. A redação do artigo 88, apesar de ser apenas indicativa, sinaliza os primeiros passos legais para a discussão da Educação Inclusiva: “A educação de excepcionais, deve no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade” (BRASIL, 1961).

A redação do artigo 89: “Toda iniciativa privada considerada eficiente pelos conselhos estaduais de educação, e relativa à educação de excepcionais, receberá dos poderes públicos tratamento especial mediante bolsas de estudo, empréstimos e subvenções” (BRASIL, 1961).

A primeira Lei de Diretrizes era contemplada somente os estudantes com deficiência, o artigo da segunda LDB prevê o atendimento especial para certo grupo de estudantes. Um ano depois da promulgação da sétima Constituição do Brasil, foi aprovada a Lei nº 7.853/89, que reafirmou o compromisso do Estado com as pessoas com deficiência. Nesta lei, consta a obrigatoriedade da oferta de Educação Especial na Rede Pública de Ensino, além de conferir aos educados com deficiência os mesmos e bolsa de estudo (BRASIL, 1989).

Apesar de termos avançados no processo educacional de pessoa com deficiência, os números do Censo Demográfico 2010 evidenciam que no Brasil ainda há um grande descompasso no grau de escolaridade da população com e sem deficiência. Enquanto 38,2% das pessoas de 15 anos ou mais, que declararam não ter nenhuma deficiência, não têm instrução ou cursaram apenas o fundamental incompleto, esse percentual sobe para 61,1% se analisada a população de pessoas que declararam ter alguma deficiência física ou mental (FRANÇA e RIOS-NETO, 2012).

Segundo Freire (1993) os princípios da Educação Inclusiva que se refere, a nosso ver, em questionar todos os processos de exclusão que acontecem na escola e na sociedade com todos os sujeitos; conseqüentemente, que pretende desenvolver um processo educacional que contemple a diversidade. O tempo que levamos dizendo que para haver alegria na escola é preciso primeiro mudar radicalmente o mundo é o tempo que perdemos para começar a inventar e a viver a alegria.

Segundo Plaisance:

(...) considerar as “necessidades educativas especiais” conduz a “desmedicalizar” as perspectivas de ação e a prestar atenção às eventuais dificuldades de aprendizagem, quaisquer que sejam as suas causas possíveis (deficiência, doença, meio social, etc.). É também reconhecer um “continuum” entre os alunos com necessidades especiais e os outros. (...) Alguns defendem a sua adoção pelo facto de que permitiria incluir, no conjunto dos dispositivos de ajuda, não somente as crianças e os adolescentes habitualmente designados como “deficientes”, mas também os que têm insucesso escolar, rejeitados pela escola regular e orientados para estabelecimentos especializados, tais como os Institutos de reabilitação. (PLAISANCE, 2003, p.31-32)

Paulo Freire (2001) refere-se às condições de exclusão, a que são submetidas às classes populares, os oprimidos, denominando de “situações-limite”, ou seja, obstáculos ou barreiras que precisam ser vencidos, mas se encontram vinculados à vida pessoal e social do indivíduo.

Segundo Freire (2001), o enfrentamento dessas situações é percebido de formas diferentes pelos envolvidos nesse processo: ou eles as percebem como um obstáculo que não

podem ou não querem transpor, ou ainda como algo que sabem que existe e que precisa ser rompido e então se empenham na sua superação. Para superá-las, porém, será preciso considerá-las como temas-problema que deverão ser destacados do cotidiano e discutidos.

Para Vitaliano (2008), as principais dificuldades para lidar com alunos com necessidades especiais (NEE) se dão nas formas de abordar o aluno com NEE, identificar os procedimentos de ensino adequados ao estudante com NEE, identificar a necessidade educativa especial do estudante, saber que o estudante com NEE é capaz de realizar as atividades propostas, integrar o estudante na turma e como proceder para não piorar as dificuldades do estudante com NEE.

Nesse sentido, o sistema educacional brasileiro passou por grandes mudanças como diz Mazzotta (2011), de 1905 a 1950, muitas das Instituições que foram criadas para o atendimento das pessoas deficientes eram particulares e com caráter assistencialista. É a partir dos anos 50 que acontece a inclusão da educação dos deficientes da educação especial e somente no final desse ano e início da década de 60 vem ocorrer na política educacional brasileira. Nos dias atuais com a expansão da educação Inclusiva o Brasil vem tendo um crescimento a esse respeito.

3.2 A educação inclusiva e o atendimento educacional especializado

De acordo com Januzzi (1985), o movimento em prol da educação especial no Brasil se refletiu na criação por parte de D. Pedro II, do Imperial Instituto dos Meninos Cegos (atual IBC), em 1854, e do Imperial Instituto de Surdos mudos (atual INES), em 1857, que funcionam até hoje.

A autora ressalta ainda que, a preocupação com a educação das pessoas diferentes iniciou no final do Império e início da República, quando as ideais liberais começaram a ser discutidos e consolidados. Todavia, mesmo assim, as instituições foram incipientes e só foram fortalecidas na segunda metade do século XX. A de institucionalização e a educação escolar do deficiente tiveram início apenas no século XX. (JANUZZI, 1985)

Alonso (2013) relata que a educação especial como modalidade de ensino ainda está se difundindo no contexto escolar. Para que se torne efetiva, precisarão dispor de redes de apoio que complementem o trabalho do professor. Atualmente, as redes de apoio existentes são compostas pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) e pelos profissionais da educação especial (intérprete, professor de Braille, etc.) da saúde e da família.

Mendes (1995) acredita que o crescimento dos serviços de educação especial tenha influenciado o estabelecimento de leis e serviços técnico-administrativos, visando o desenvolvimento do ensino especial no Brasil. A exemplo disto, temos a Lei nº.4.020/61 que apresentava dois artigos referentes ao atendimento educacional especial. Na década de 70, a Lei nº. 5.692/71 também traz referências a educação dos alunos considerados especiais.

Na sala de aula inclusiva, os conteúdos escolares são considerados objeto da aprendizagem aos alunos cabe atribuir significados e construir conhecimentos e o professor assume a função de mediar esse processo (ALONSO, 2013).

Alonso (2013) relata que o papel do educador é intervir nas atividades que o aluno ainda não tem autonomia para desenvolver sozinho, ajudando o estudante a se sentir capaz de realiza - lá. É com essa dinâmica que o professor seleciona procedimentos de ensino e de apoio para compartilhar, confrontar e resolver conflitos cognitivos.

O educador deverá considerar no planejamento tempo e estratégias para conhecer seus alunos - em especial aqueles que poderão requerer apoios específicos. Para fornecer boa compreensão sobre os alunos e suas condições de aprendizagem, a observação precisa utilizar

diferentes estratégias e ser feita em diversos momentos da aula. Os critérios de observação devem ser selecionados com base no currículo e nas habilidades que o professor considerou no planejamento (ALONSO, 2013).

A educação é um direito de todos independente das diferenças, e devido a esta perspectiva surge a Educação Inclusiva que visa inserir todos os educandos dentro de uma escola regular, para que convivam e aprendam juntos a superar os limites de cada um. A escola tem um papel importante na sociedade que é formar cidadãos, com pensamentos críticos e próprios, mas utiliza o paradigma de classificar os alunos a partir do seu desenvolvimento, que é avaliado com base do quanto eles assimilam os conteúdos acadêmicos (SOUSA, 2014).

A inclusão é uma inovação, cujo sentido tem sido muito distorcido e polemizado pelos mais diferentes representantes educacionais. É um movimento mundial de luta das pessoas com deficiências e seus familiares na busca dos seus direitos e a conquista de lugar na sociedade. Ela está ligada a todas as pessoas que não têm as mesmas oportunidades dentro da sociedade (MANTOAN, 2001).

No entanto, incluir alunos com diferentes deficiências, permanentes ou temporários, mais graves ou menos graves, no ensino regular nada mais é, do que garantir o direito de todos à educação – e assim, diz a constituição. Inclusão engloba uma educação para todos, centrada no respeito e valorização das diferenças. Uma posição que reforça a necessidade do respeito à diferença, o conhecimento e o preparo para lidar com as potencialidades e limitações das pessoas (MANTOAN, 2001).

O professor tem um papel importante na educação do cidadão, pois é o mediador do conhecimento e contribui para que o aluno alcance os objetivos desejados. Por ser considerado como ponte de ligação, sabe-se da importância da sua formação e quando tratamos das necessidades especiais inseridas na escola, o educador precisa estar preparado para enfrentar as diversidades, destaca (SOUSA, 2014).

4 METODOLOGIA

4.1 Caracterização da metodologia da pesquisa

A pesquisa desenvolvida é de natureza qualitativa com categoria exploratória. Dentro desse contexto, destacamos que:

A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais tendo como a objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.32).

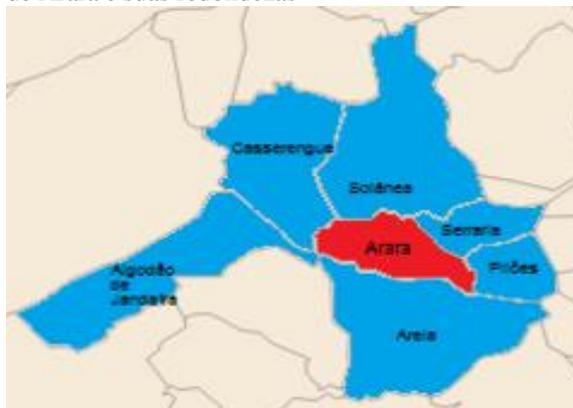
Dentro dessa perspectiva, a pesquisa qualitativa pode ser dividida em diversas categorias as quais são caracterizadas de acordo com a natureza de estudo. E, Segundo Gil (2002, p.41) “A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”.

4.2 Local da pesquisa

A Pesquisa foi realizada na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Paulino, localizada na Rua Senador Rui Carneiro, no bairro Centro da cidade

de Arara-PB, a qual possui dependência Estadual com Jurisdição 3ª Região de Ensino com Entidade mantenedora do Governo do Estado.

Figura 1: Cidade de Arara e suas redondezas



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arara_%28Para%C3%ADba%29

4.3 Participantes da pesquisa

O público-alvo com o qual foi desenvolvida esta pesquisa é constituído por 02 alunos com deficiência, um com baixa visão e outro cadeirante, e pelo Diretor da Escola. A escola em questão foi escolhida tendo em vista ser uma escola local com o intuito de colaborar com a forma de abordagem com esse perfil de alunos.

4.4 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram dois questionários com perguntas abertas e fechadas, um aplicando ao gestor da escola para verificar até que ponto os alunos da referida escola estão conscientizados sobre inclusão no espaço escolar. O outro foi aplicando aos dois alunos com deficiência para analisar as suas dificuldades no ensino de química. Os dados obtidos foram sistematizados e expressos em tabelas e discutidos à luz do referencial teórico. Nessa estratégia cabe ao pesquisador buscar formas de construir um relacionamento recíproco, onde a pesquisa não será apenas um levantamento de dados, mas uma construção de conhecimentos realizada de forma coletiva. Podemos então, concluir que essa pesquisa conserva o contato direto, o convívio e o processo educacional como os pontos mais importantes na análise de coleta de dados.

Para Marconi e Lakatos (2003), o questionário é um instrumento para a coleta de dados, que será composto por uma série de perguntas, onde o mesmo será apresentado a pessoas comuns, cujo principal objetivo é proporcionar determinado conhecimento ao pesquisador.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico serão apresentados os dados obtidos durante o processo da pesquisa, cujo objetivo principal era Analisar como vem sendo desenvolvido as atividades de uma escola pública frente às questões inclusiva. Para analisar esses dados foi utilizado o questionário como instrumento de coleta que consistia em nove questões, sendo sete questões objetivas e duas subjetivas, conforme apêndice 1.

O referido questionário buscou, em primeira estância, informações dos gestores da escola pesquisada, as indagações discorriam sobre:

i - O perfil do entrevistado; ii- O tempo na função de diretor(a); iii- O grau de escolaridade do Diretor; iv - Existência de alunos com necessidades educacionais especiais na escola onde é gestor; v - Motivo da referida escola não possuir alunos NEE, caso a resposta do item anterior tenha sido não; vi - Quantidade de alunos com NEE na escola; vii- Tipos de NEE existentes na escola pesquisada; viii- Importância da inclusão de alunos com NEE na escola; vx- Existência de materiais para atendimento educacional especializado.

Os dados foram sistematizados em tabelas e em seguida, discutidos à luz do referencial teórico da área do objeto de estudo.

5.1 Análises do questionário aplicado aos diretores da escola

Tabela 1: Resposta do Diretor da escola

Questões		Gestor
Q1	O perfil do entrevistado	Feminina
Q2	Tempo na função	5 anos
Q3	Escolaridade	Superior
Q4	Se tem alunos especiais na escola	Sim
Q5	Quanto aluno com necessidades especiais tem na escola	2 alunos
Q6	Quais os tipos de NEE que existem na escola	Visual e baixa visão
Q7	Você considera importante incluir estudantes com NEE nas escolas	Sim
Q8	A escola possui matérias para atendimento especializado	Não
Q9	O porquê a escola não tem essas matérias	Não respondeu

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

De acordo com a pergunta (1, 2, 3 e 4), a escola em questão possui 2 gestores, 1 diretor do sexo masculino e 1 diretora adjunta do sexo feminino. No momento na pesquisa o gestor não se encontrava na escola. A diretora adjunta tem ensino superior, é formada em pedagogia e está na função há 5 anos.

De acordo com a pergunta (5 e 6), a escola possui 2 alunos com necessidade especiais, um com baixa visão e outra cadeirante.

A escola inclusiva precisa ser pensada como aquela que oferece qualidade de ensino para todos, qualidade que pressupõe a organização de propostas pedagógicas eficazes, diretamente relacionadas às necessidades dos alunos, contemplando aos diversos níveis de aprendizagem.

Integrar é colocar junto, e colocar junto não quer dizer fazer parte. Ou seja, a criança precisa ser atuante no processo de aprendizagem e ser produtiva. Assim, o aluno com baixa visão deve ter acesso a todos os recursos que proporcionem a ele condições de aprender usando da melhor forma a visão que lhe resta (ou o seu resíduo visual) (CALÇADE, 2018).

O Ministério da Educação (MEC) recomenda que, na medida do possível, se mantenha o mesmo currículo aplicado a todos os alunos, mas com adaptações e adequações necessárias (CALÇADE, 2018).

A gestora relata a importância de incluir os estudantes especiais na escola. Mais a mesma não possui nenhum material que seja favorável a inclusão. Ela não justificou o porquê de ter respondido o não na sua resposta.

De acordo com esta informação esperava-se que a escola já possuísse práticas inclusivas na instituição de ensino pesquisada.

De acordo com Oliveira (2015), muitas escolas não têm profissionais capacitados para dar suporte aos alunos com educação especiais inclusiva, com isso pode gerar um grande problema, principalmente nas aulas de Química.

As salas de atendimento educacional especializado, segundo a Lei, devem ser usadas no contra turno de aulas: se um aluno que necessita desses recursos estuda de manhã, ele deve utilizá-los na parte da tarde, por exemplo. Em comum acordo com o professor especializado decide-se a quantidade de visitas a este espaço para cada aluno, considerando sua condição de aprendizagem (CALÇADE, 2018).

5.2 Análise do questionário aplicado aos alunos com NEE da escola pesquisada

O questionário aplicado aos dois alunos especiais teve quinze questões, sendo dividida em duas partes. Na 1ª parte, foram os dados pessoais com quatro perguntas abertas e uma fechada. Na 2ª parte, foram os dados referentes ao ensino de química, com perguntas abertas e fechadas. Conforme apêndice 2. Os resultados estão representados na Tabela 2.

Tabela 2: Resposta dos Alunos da escola

Questões		Alunos (a)	
		Aluno a	Aluno b
Q1	O perfil do entrevistado	Feminina	Masculino
Q2	Faixa etária entre 16 a 20 anos	Sim	Sim
2 parte			
Q1	Você gosta de estudar Química	Gosto	Gosto
Por quê?		Matéria legal	Ligações químicas
Q2	O ensino de química é importante na sua trajetória escolar	Sim. Aprende coisas diferentes	Não. Pretendo direito
Q3	Como está sendo ministradas as aulas de química, relacionada com o seu cotidiano	Sim	Sim
Q4	Você tem dificuldade em aprender química	Sim	Não
Q5	Qual sua dificuldade	Cálculos matemáticos	Cálculos matemáticos e falta de aula prática
Q6	Como avalia as aulas no laboratório de química	Não usa	Não tem

Q7	Quais atividades desenvolvidas no laboratório	Nenhuma	-
Q8	Se o professor de química desenvolve atividades experimentais	Nunca	Nunca
Q9	Qual método utilizado pelo professor de química	Tradicional	Tradicional
Q10	Quais recomendações você daria para o professor de química melhorar a aprendizagem	Pratica aulas no laboratório e ensina coisa diferente	Pratica aulas no laboratório

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Em análise da resposta dos dois alunos apresentado na tabela, na questão Q1 da segunda parte, pode-se verificar que, os dois gostam de estudar química, por causa do conteúdo de ligações químico. “Ligação química” foi um termo usado pela primeira vez por Gilbert Newton Lewis no ano de 1920 em um artigo para explicar por que os átomos se mantêm unidos para formar as substâncias e também por que eles permanecem unidos ao longo de milhares de anos. Na questão Q2 relata como eles consideram o ensino de química na trajetória escolar. A aluna destacou que aprende coisa diferente.

Ronqui (2009) relata que aula prática tem um valor muito importante pra nossa educação, pois estimulam as curiosidades dos alunos, de forma que envolvam uma investigação científica, que resolva os conceitos básicos. A atividade experimental bem planejada ajuda muito o professor e dá uma melhor compreensão aos alunos. O aluno de baixa visão colocou uma resposta que não se enquadra com a pergunta em questão. Percebes que provavelmente o aluno não conseguiu interpretar direito a pergunta.

Na Q3 dos questionamentos realizados perguntavam como as aulas de química estavam sendo administrados, os dois alunos destacaram que está relacionada com o seu cotidiano. Na Q4 e Q5 relatou as dificuldades em aprender química, a aluna disse que sim e o outro aluno disse que não. Mais os dois têm a mesma dificuldade em aprender os cálculos matemáticos e a falta de aulas práticas.

Diante dessa realidade, os parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) trazem como proposta a idéia de um currículo que favoreça e articulação e interação dos conhecimentos, onde os mesmos possam ser utilizados de forma interdisciplinar na resolução de problemas. Os PCNEM recomendam que os conhecimentos sejam organizados por grandes áreas, onde a Biologia, a Física, a Química e a Matemática possam se integrar, pois segundo esse documento, essas disciplinas apresentam em comum “a investigação da natureza e dos desenvolvimentos tecnológicos, compartilham linguagens para a representação e sistematização do conhecimento de fenômenos ou processos naturais e tecnológicos” (BRASIL, 2002).

Em análise da resposta dos dois alunos apresentado na Q6 dos questionamentos realizados pode-se verificar que, os dois têm o mesmo raciocínio, nunca tiveram aula experimental.

Para Zimmermann (2005) ensinar e aprender Ciências, utilizando as aulas no laboratório é muito importante. Assim, fica evidente que não existe prática sem teoria e nem teoria sem prática.

Na Q7 quais são atividades desenvolvidas no laboratório, o aluno de baixa visão não respondeu. Como não tem aula no laboratório a aluna destacou que não usa. Na Q8 os dois tiveram a mesma resposta que nunca desenvolvem.

Em ambas na Q9 do questionamento qual o método utilizado, os dois tiveram as mesmas respostas que é o tradicional, na Q10 quais recomendações para melhorar a aprendizagem dos alunos, e ter aula no laboratório.

Sobre aulas experimentais destaca-se que as mesmas são uma ferramenta importante pois permite que o professor constatar e problematizar o conhecimento prévio dos alunos, com isso vai estimular as pesquisas, a investigação e a solução de problemas. Com resultados esperados da pesquisa, se tornar o aluno (FRACALANZA et al., 1986 apud RONQUI, 2009).

Diante dessa realidade podemos afirmar que todos os alunos são diferentes em suas capacidades, dificuldades, motivações, comprometimentos, ritmos, desenvolvimentos, maneira de aprender e contextos sociais. A inclusão significa ensinar todas as crianças no mesmo contexto. A presente pesquisa objetiva tornar a escola em estudo mais inclusiva, conceito este elencado a seguir:

Escola inclusiva é uma escola onde se celebra a diversidade, encarando-a como uma riqueza e não como algo a evitar, em que as complementaridades das características de cada um permitem avançar, em vez de serem vistas como ameaçadoras, como um perigo que põe em risco a nossa própria integridade, apenas porque ela é culturalmente diversa da do outro, que temos como parceiro social. (CÉSAR, 2003 p.119).

Por meio do levantamento realizado com a presente pesquisa, a direção da escola juntamente com o corpo docente pode levantar outras discussões além das já levantadas, e conceber uma política de inclusão que fortaleça a convivência com a diversidade entre as culturas, políticas e formas de economias visando amenizar as desigualdades econômicas, tecnológicas e educacionais entre as nações (ABENHAIM, 2005).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse trabalho foi desenvolvida buscando conhecimento de como estão sendo administradas as aulas experimentais para os alunos especiais. No momento que fui aplicar o questionário na escola escolhida, observei que um professor de outra disciplina aplicou a prova com uma fonte 12 para o aluno de baixa visão, com isso, o aluno tem mais dificuldade. Uma proposta para o ensino de química favorável a inclusão para esse aluno de baixa visão, utilizamos uma fonte 18 (ou maior) como foi aplicada no questionário. Essa é uma ferramenta simples no processo de ensino aprendizagem do aluno com necessidades especiais.

O direito do aluno com necessidades especiais e de todos os cidadãos á educação é um direito constitucional. A garantia de uma educação de qualidade para todo um redimensionamento da escola no que consiste não somente na aceitação, mas também na valorização das diferenças.

Este tema foi escolhido porque muito se fala, e pouco discute sobre a educação inclusiva. Muitas vezes o conceito que se tem sobre o que é inclusão se define em inserir esses alunos nas escolas, mais algumas escolas não tem uma proposta de ensino para essas aulas inclusivas.

Em relação ao instrumento de coleta de dados, os sujeitos participantes da pesquisa (100%) afirmam que a maior dificuldade são os cálculos matemáticos. Falta de aula prática. Pois a escola possui laboratório, mas não é utilizando. E o professor nunca desenvolve aula experimental. No entanto, essa metodologia, tem o potencial por ser uma ferramenta importante no processo de construção do conhecimento, proporcionando aos alunos a possibilidade de estabelecer relações entre a teoria e a prática, incentivando-os a compreender

os fenômenos do seu cotidiano. Contudo, para o trabalho com alunos com NEE frente a aulas experimentais, esse profissional precisa estar bem capacitados através de uma formação inicial e continuados que consolide um ensino inclusivo de qualidade.

REFERÊNCIAS

ABENHAIM, E. Os caminhos da inclusão: breve histórico. In: MACHADO, A.M. **Psicologia e direitos humanos: educação inclusiva, direitos humanos na escola**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília, DF: CFP, 2005.

ALONSO, D. **Educação inclusiva: desafios da formação e da atuação em sala de aula**. 2013. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/588/educacao-inclusiva-desafios-da-formacao-e-da-atuacao-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 15 de Março de 2021. (Online)

BRASIL. **LEI Nº 4.024**. DEZEMBRO DE 1961.

_____. **LEI Nº 7853**. DEZEMBRO DE 1989.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

CALÇADE, P. **Educação inclusiva: o que é e como fazer direito (e bem feito)**. 2018. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2021/educacao-inclusiva-o-que-e-e-como-fazer-direito-e-bem-feito>>. Acesso em: 20 de Abril de 2021.

CANAVARRO, A.; MACHADO, C.; VILELA, E.; Educação Inclusiva, ensino de Ciências e linguagem científica: possíveis relações. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 51, p. 81-90, jan./abr. 2015.

CÉSAR, M. A escola inclusiva enquanto espaço-tempo de diálogo de todos para todos. In: RODRIGUES, D. **Perspectivas sobre a inclusão: da educação à sociedade**. Porto: Porto Editora, 2003.

FRANÇA, T.H.P.M.; RIOS-NETO, E.L.G. A escolarização das pessoas com deficiência no Brasil: atendimento, atraso e progressão no ensino fundamental segundo o Censo 2000. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 29, n.2, p. 239-257, 2012.

FREIRE, P. Prefácio à edição brasileira. In: **SNYDERS**, Georges. Alunos felizes. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2001a.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MANTOAN, M.T.E. TODAS AS CRIANÇAS SÃO BEM-VINDAS À ESCOLA. **Revista Profissão Docente**, v. 1, n. 2, 19 p., 2001.
- MAZZOTTA, M. J. S. Educação especial no Brasil: história e políticas públicas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MENDES, E.G. Deficiente mental: A construção de um conceito e a realidade educacional. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Experimental. Universidade de São Paulo. 1995, 387 p.
- OLIVEIRA, M. L. Educação inclusiva e a formação de professores de ciências: o papel das universidades federais na capacitação dos futuros educadores. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.13, n. 3, p. 99-117, 2011.
- OLIVEIRA, W.D.; BENITE, A.M.C. Aulas de ciências para surdos: estudos sobre a produção do discurso de intérpretes de LIBRAS e professores de ciências. **Ciênc.Educ**, Bauru, v.21 p.457-472, 2015.
- PLAISANCE, E. **Évolution historique des notions. In Brigitte Belmont et Alette Vérillon Diversité et handicap à l'école. Quelles pratiques éducatives pour tous?** Paris: Institut national de recherche pédagogique (INRP), 2003.
- RONQUI, L; SOUZA, M. R; FREITAS, Fernando Jorge Coreia de. A importância das atividades práticas na área de biologia. **Revista científica da Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal – FACIMED**. 2009. Cacoal – RO.
- SAGE, D.D. Estratégias administrativas para a realização do ensino inclusivo. In: STAINBACK, Susan; STAINBACK William (Orgs.). **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p.129-141.
- SOUSA, A.M.S. Química da inclusão: os desafios dos professores e dificuldades de pessoas com necessidades especiais da Cidade de Patos – PB. **Trabalho de Conclusão de Curso – UEPB**. 2014, 105 p.
- ULIANA, M. R. **Formação de professores de Matemática, Física e Química na perspectiva da inclusão de estudantes com deficiência visual: análise de uma intervenção realizada em Rondônia**. 2015. 314f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Mato Grosso, Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Cuiabá, 2015.

VITALIANO, C. R. Diagnóstico das necessidades de preparação dos professores de cursos de licenciatura para incluir estudantes com necessidades especiais e formar futuros professores aptos a promover a inclusão. In: ALMEIDA, M. A.; MENDES, E. G.; HAYASHI, M. C. P. I.(Orgs.). **Temas em Educação Especial: múltiplos olhares**. São Paulo: Junqueira & Marin, 2008.

ZIMMERMANN, Erika Maíra. Letramento científico e CTS na formação de professores para o ensino de ciências. In: **CONGRESO ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS**, 7., 2005. Anais... (número extra). Disponível em: <Disponível em: http://ddd.uab.cat/pub/edlc/edlc_a2005nEXTRA/edlc_a2005nEXTRAp320letcie.pdf>. Acesso em: 14 de Maio de 2021.

ANEXO A – Questionário de avaliação da proposta



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – CCT
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA
CURSO: LICENCIATURA EM QUÍMICA
DICIPLINA: PESQUISA NO ENSINO DE QUÍMICA
ALUNA: VIVIANE DOS SANTOS

QUESTIONÁRIO APLICADO COM O GESTORES DAS ESCOLAS

Este questionário faz parte de um trabalho de pesquisa cujo título: **UM OLHAR SOBRE AS AÇÕES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE ARARA-PB: FRENTE ÀS QUESTÕES INCLUSIVAS**

O referido questionário pede respostas sinceras para produzir frutos sobre inclusão. Suas informações são de extrema importância para o enriquecimento e valorização desse trabalho.

Muito obrigada pela sua colaboração!

PERFIL DO (A) ENTREVISTADO (A)

- 1- Sexo () M () F
- 2- Tempo na função? -----

QUESTIONÁRIO

- 1- Qual sua escolaridade?
- () Superior () Pós- graduação () Mestrado () Doutorado
- 2- Na sua instituição de ensino tem alunos com Necessidades especiais?
- () Sim () Não

- 3- Caso a resposta do item anterior tenha sido **NÃO**, por quais motivos a escola não tem nenhum aluno com necessidades especiais.
- 4- Existem quantos alunos com necessidades especiais na escola?
 1 2 3 4 mais de 5
- 5- Quais são os tipos de NEE que existem na escola?
 visual auditivo mental outros
- 6- Você considera importante incluir estudantes com NEE nas escolas?
 SIM NÃO
- 7- A escola possui matérias para atendimento especializado?
 SIM NÃO Se SIM, quais? Se NÃO, por quê?

ANEXO B – Questionário aplicado



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
 CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – CCT
 DEPARTAMENTO DE QUÍMICA – DQ
 PRO-REITORIA DE EXTENSÃO**

**UM OLHAR SOBRE AS AÇÕES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE
 ARARA-PB: FRENTE ÀS QUESTÕES INCLUSIVAS**

QUESTIONÁRIO APLICADO

1- PARTE – DADOS PESSOAIS E ESTUDANTES

- 1-1 Identificação:
 1-2 Faixa Etária:
 13 a 15 anos 16 a 20 anos
 1-3 Nomes da escola:
 1-4 Localidade
 1-5 Série:

2- PARTE: DADOS REFERENTES AO ENSINO DE QUÍMICA.

- 2.1. Você gosta de estudar Química?
 gosto gosto muito não gosto
 Por quê? _____
- 2.2. Você considera o ensino de Química importante na sua trajetória escolar?

- () Sim. Justifique: _____
- () Não. Justifique: _____
- 2.3. Em sua opinião, a forma como vem sendo ministradas as aulas de Química, está relacionada com o seu cotidiano?
-
- 2.4. Você tem dificuldade em aprender Química?
- () Sim () Não
- 2.5. Caso a alternativa anterior seja afirmativa, responda: Dos itens abaixo, qual você atribui as suas dificuldades em aprender Química?
- () Cálculos matemáticos
- () linguagem e metodologia utilizadas em salas de aula
- () Falta de aulas Práticas
- () Outros: _____
- 2.6. Como você avalia as aulas no laboratório de química? Justifique.
- 2.7. Quais atividades desenvolvidas no laboratório mediam o ensino de química e suas atividades desenvolvidas no cotidiano?
- 2.8. Na escola onde você estuda os professores de Química, com que frequência, desenvolve atividades experimentais?
- () Semanalmente () uma vez por mês () Nunca desenvolve
- 2.9. Como você avalia o método utilizado pelo professor de Química?
- () Tradicional () Dinâmico () inovador () Outro: _____
- 3.0. Quais recomendações você daria para os professores de química melhorarem a aprendizagem dos alunos:

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que me deu saúde e forças para superar todos os momentos difíceis para concluir esse trabalho.

Ao meu pai Ivan e a minha mãe Maria que me deu todo apoio, aos meus irmãos Vitória, Vilene, Vitor, e Vanessa, que me ajudaram na realização do meu sonho, e a toda minha família.

Agradeço ao meu esposo André que sempre esteve comigo em todos os momentos.

Agradeço a vovó Maria e vovô João (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos meus amigos Joseane, Joseilton, Raphaella e Socorro, por toda a ajuda e apoio durante este período tão importante da minha formação acadêmica.

Agradeço a minha Orientadora Professora Me. Elidiana Onofre pela sua disponibilidade, que me deu todo apoio para realizar e prosseguir este estudo.

Aos professores do Curso de licenciatura de Química da UEPB, em especial, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da minha pesquisa.

Aos professores Me. Gilberlândio Nunes e Dr. Francisco Ferreira da banca examinadora, por terem aceitado participar da finalização deste trabalho.

Muito obrigada!